

Marluce Jácome Morais

**Por dentro do Fora do Eixo:
Uma das maiores redes de coletivos culturais do país**

CELACC/ECA- USP

2013

Marluce Jácome Morais

**Por dentro do Fora do Eixo:
Uma das maiores redes de coletivos culturais do país**

Trabalho de conclusão do Curso de Especialização (*latu sensu*) em Mídia, Informação e Cultura, produzido sob a orientação do Prof. Ms. Vinicius Souza.

CELACC/ECA- USP

2013

SUMÁRIO

Introdução	4
Capítulo 1- Fora do Eixo	6
1.1 Circuito Fora do Eixo	6
1.2 Modo de organização Fora do Eixo.....	8
Capítulo 2- Fora do Eixo, cibercultura e política.....	15
Capítulo 3- Mercado e Cultura.....	19
Capítulo 4- Políticas culturais e Cidadania cultural.....	23
Considerações Finais.....	26
Referências bibliográficas.....	28

Por dentro do Fora do Eixo: Uma das maiores redes de coletivos culturais do país

*Marluce Jácome Morais

Resumo

O presente artigo aborda o Circuito Fora do Eixo, uma das maiores redes de coletivos culturais do país na atualidade. Partindo de uma exposição sobre o discurso e as ações realizadas por essa rede, bem como sobre as críticas a respeito do Fora do Eixo, o estudo contempla algumas questões acerca da antiga ligação entre cultura e economia, além de identificar as possíveis consequências dessa relação na nossa sociedade. Tendo como um dos pontos de discussão a participação da mídia na construção de uma cultura hegemônica, a pesquisa também apresenta como o Fora do Eixo utiliza as novas tecnologias para tentar romper com o próprio sistema.

Palavras-chaves: Cultura. Capitalismo. Novas mídias. Cidadania cultural. Fora do Eixo.

Resumen

Este artículo aborda el Circuito Fora do Eixo, una de las mayores redes de colectivos culturales de Brasil hoy en día. A partir de una exposición sobre el discurso y las acciones realizadas por esta red, así como las críticas al Fora do Eixo, el estudio incluye algunas preguntas sobre el antiguo vínculo entre la cultura y la economía, y para identificar las posibles consecuencias de esta relación en nuestra sociedad. Tener uno de los temas de debate de la participación de los medios de comunicación en la construcción de una cultura hegemónica, la investigación también muestra cómo el Fora do Eixo utiliza las nuevas tecnologías para tratar de romper el sistema mismo.

Palabras clave: Cultura. El capitalismo. Los nuevos medios de comunicación. La ciudadanía cultural. Fora do Eixo.

Abstract

This article talks about Circuito Fora do Eixo, one of the greatest networks of cultural collectives in the Brazil today. Starting from showing the speech and the actions performed by this network, as well as the criticisms about Fora do Eixo, the study includes some questions about the ancient link between culture and economy, besides identifying the possible consequences of this relationship in our society. As one of the points of this study is the media participation in building an hegemonic culture, the research also shows how Fora do Eixo uses new technologies to try to break the system itself.

Keywords: Culture. Capitalism. New media. Cultural citizenship. Fora do Eixo.

* Aluna do curso de Pós-Graduação em Mídia, Informação e Cultura, pelo Centro de Estudos Latino-americanos sobre Cultura e Comunicação, da Escola de Comunicações e Artes, da Universidade de São Paulo. Bacharel e licenciada em Artes Plásticas pela Universidade do Estado de Minas Gerais, Escola Guignard.

Introdução

Tendo em vista o atual sistema econômico brasileiro – constituído pelo capitalismo –, cujo fundamento é a reprodução do capital a partir da propriedade privada dos meios de produção, e analisando as consequências desse sistema que, entre outros fatores, leva à desigualdade social, à exploração da mão-de-obra e à transformação de bens simbólicos em mercadoria, faz-se necessário pensar no modelo de sociedade que se consolidou com a economia capitalista.

Um elemento essencial para girar a roda do capitalismo é o consumismo. Afinal, se o sistema se movimenta em função de garantir lucros em grande escala, o hábito de consumir deve ser praticado e estimulado, a fim de contribuir para a manutenção do próprio capital. Uma das formas de estimular o consumismo é por meio da mídia. Televisão, rádio, jornal, revistas, *outdoors*, dentre outros recursos publicitários anunciam marcas, promovem pessoas que terão seus rostos estampados em objetos comerciais, vendem conceitos e prometem experiências para o público, com o objetivo de manter a rentabilidade de empresas e organizações.

A partir dessa premissa, tudo pode ser comercializado. Desde bens materiais, como vestuários, alimentos, veículos e eletrodomésticos, até bens simbólicos, como eventos e manifestações artístico-culturais. Diante disso, grande parte dos grupos sociais se torna coparticipante desse sistema, ao consumir produtos e serviços que alimentam a indústria do capital.

Se os bens simbólicos podem ser comercializados, a cultura passa a ser vista como mercadoria e o conceito que a define – crenças e hábitos que caracterizam um sujeito e com os quais ele se identifica e se reconhece (CHAUÍ, 2006: pág. 113) – deixa de ser apreendido e valorizado. O homem, portanto, tem atuado como um agente do sistema capitalista que busca conquistar seus “sonhos de consumo” enquanto favorece o fortalecimento de uma sociedade cada dia mais desigual.

À medida que estabelecem relações sociais entre si, os homens realizam não somente troca de mercadorias, mas de significados e símbolos; por isso, a existência na sociedade de um mercado de bens simbólicos se torna tão vigoroso quanto o de bens materiais. (BOURDIEAU, 1987: p. 102)

Diante das consequências de um “capitalismo selvagem”, mantido com o apelo da mídia, o surgimento da cibercultura e os impactos culturais, sociais e econômicos causados pelo uso das novas tecnologias é um fator relevante para mapear o comportamento, as atitudes

e os valores das próximas gerações. “A cibercultura expressa o surgimento de um novo universal, diferente das formas culturais que vieram antes dele no sentido de que ele se constrói sobre a indeterminação de um sentido global qualquer.” (LEVY, 1999: p. 15).

Dentre os vários movimentos que a internet, os canais multimídias, as redes sociais e outras tecnologias têm impulsionado, o Circuito Fora do Eixo se destaca pelo seu contínuo crescimento. Este movimento surgiu em 2006 e atualmente está presente em todo o Brasil, por meio da formação de uma rede de coletivos¹ culturais que, somando-se às casas Fora do Eixo, totaliza cerca de 200 espaços destinados à cultura no país. Sobre as casas, cada uma delas abriga um grupo de pessoas que atua nos projetos defendidos pelo Fora do Eixo e que lá também reside, formando uma espécie de comunidade que vivencia outro modelo de organização social. Os agentes dessa rede vêm repensando e buscando transformar os paradigmas sociais contemporâneos por meio da produção cultural, criação de debates abertos a toda sociedade em prol de novas políticas públicas (seja em eventos presenciais ou virtuais), além de outras iniciativas com foco na democratização dos meios de comunicação e acesso à educação.

O fato de o Circuito Fora do Eixo utilizar editais públicos e privados para a realização de seus projetos e ações culturais, ao mesmo tempo em que defende um discurso voltado para o “alcance da autonomia quanto às formas de gestão e participação em processos socioculturais”² tem sido alvo de algumas críticas. Assim, uma breve exposição sobre tais críticas, bem como um recorte sobre as propostas do Fora do Eixo e suas implicações nas áreas da economia e da cultura são a base do presente artigo. A partir da análise de conteúdo, este estudo propõe algumas questões acerca da cultura e convida a uma reflexão sobre os apontamentos sugeridos.

¹ A concepção de rede de coletivos aqui utilizada trata-se da livre associação de grupos culturais que compartilham e aplicam os modelos de produção elaborados pelos próprios agentes do Fora do Eixo.

² Trecho extraído da carta de princípio do Fora do Eixo.

Capítulo 1

Fora do Eixo

1.1 Circuito Fora do Eixo

O Circuito Fora do Eixo nasceu a partir da experiência de quatro produtores culturais na construção de um coletivo que buscava alternativas para a produção, circulação e divulgação de grupos musicais independentes. Os quatro produtores, no ano de 2001, eram: Pablo Capilé (Cuiabá/MT), Talles Lopes (Uberlândia/ MG), Daniel Zen³ (Rio Branco/AC) e Marcelo Domingues⁴ (Londrina/PR). Cada um deles participava ativamente de coletivos culturais em suas cidades e frequentava os Festivais de Música Independente como o Goiânia Noise (Goiás), Abril pro Rock (Recife/ PE), Jambolada (Uberlândia), etc. Muitos dos grupos que se apresentavam nesses eventos batalhavam para firmar público e conquistar o mercado fonográfico. Se os artistas da cena *underground*, distantes do “tradicional” eixo Rio/São Paulo não tinham espaço para divulgar seu trabalho, verba para gravar um CD e fazer girar a roda da produção musical independente, era preciso desenvolver meios para isso acontecer. Assim surgiu o Cubo.

Criado por Capilé, Lopes e Zen, o Espaço Cubo foi o precursor do Fora do Eixo. Desde seu início, em 2002, os objetivos e as estratégias do Espaço eram pensados coletivamente e, as atividades, realizadas de forma colaborativa. Nesse mesmo período, uma crise na indústria fonográfica se instaurou com o advento da internet que facilitou o acesso e a disseminação de dados, contribuindo para o início das conexões e os compartilhamentos em rede. Somando-se a esse fenômeno, a criação da ABRAFIN – Associação Brasileira de Festivais Independentes, em 2005⁵, também funcionou como um embrião do Fora do Eixo. No final desse mesmo ano, os participantes do Cubo já podiam contar com um estúdio de gravação, um ambiente para shows, um núcleo de comunicação e divulgação dos eventos e um selo de distribuição de discos. Isso foi possível, principalmente, com o uso das mídias eletrônicas que possibilitou a produção e difusão de trabalhos em rede, mas, também, com a criação do cubo card⁶. Essa moeda complementar trouxe de volta uma das mais antigas práticas de adquirir serviços e mercadorias: o escambo, ou seja, a troca entre produtos de diferentes origens.

³ Atual Secretário Estadual de Educação do Acre.

⁴ Produtor cultural e um dos criadores do Festival Independente Demo Sul que se afastou do Fora do Eixo por uma escolha pessoal.

⁵ Depoimento de Felipe Altenfelder durante entrevista sobre o Fora do Eixo. Vide Anexo do artigo.

⁶ <http://www.espacocubo.org.br/cubocard/>

Por meio da parceria entre empresas de diversos segmentos (lojas de instrumentos musicais, produtoras audiovisuais, restaurantes, hotéis, etc.), a moeda circulava e contribuía para manter o funcionamento de uma cadeia produtiva. Dessa forma, cada colaborador representava a força de trabalho que movia esse modelo de economia. O resultado do projeto Espaço Cubo e as ações defendidas pelo Ministério de Gilberto Gil na Cultura (2003-2008), que criavam oportunidades de articulação em rede por meio dos Pontos de Cultura e estimulavam a realização de atividades que promoviam a cultura digital, formaram o terreno propício para a criação do Fora do Eixo.

Os Pontos de Cultura são entidades reconhecidas e apoiadas financeiramente pelo MinC que desenvolvem ações de impacto sócio culturais em suas comunidades. Eles não possuem um modelo único. O aspecto comum a todos é a transversalidade da cultura e a gestão compartilhada entre poder público e comunidade. O Brasil possui hoje 3.703 pontos de cultura. A previsão do Ministério da Cultura é de que, até 2020, 15 mil Pontos de Cultura estejam funcionando em todo o Brasil.⁷

Passados mais de dez anos do encontro entre Capilé, Talles e Zen, os articuladores culturais que criaram alguns meios para fazer girar a roda da produção musical independente, hoje, não apenas a manutenção dessa engrenagem é realizada por seus gestores. O Circuito Fora do Eixo, apropriando-se das novas tecnologias, “reuniu” diferentes coletivos culturais no Brasil e expandiu suas atividades para os campos do audiovisual, do *design* e das artes cênicas⁸, etc. Ademais, criou o que pode ser chamado de “rede das redes virtuais” e fez surgir uma espécie de reorganização social com a fundação das Casas Fora do Eixo, iniciada em 2011⁹. Atualmente, há 05 casas regionais e mais de 30 pelo interior do país. As regionais estão localizadas nas seguintes cidades: São Paulo (SP), Belo Horizonte (MG), Porto Alegre (RS), Fortaleza (CE) e Belém (PA).

Todas as casas funcionam como residência de alguns produtores e também como um espaço para articular e promover ações culturais, discutir e planejar formas de obtenção de verba para a criação e manutenção das atividades realizadas pelo Circuito, além de ser um ambiente de intercâmbio entre os agentes dos coletivos que participam da rede Fora do Eixo e demais interessados em ter uma vivência nesse espaço. Nas casas regionais, os custos diários de moradia, alimentação, etc. são custeados por um caixa coletivo, definido como uma “tecnologia de gestão colaborativa de recursos (e uma) forma de aproximar os integrantes de um

⁷ <http://www2.cultura.gov.br/culturaviva/pontos-de-cultura>

⁸ <http://projetos.foradoeixo.org.br/?cat=3>

⁹ <http://issuu.com/foradoeixo/docs/fdeemnumeros-final>

coletivo através do exercício colaborativo financeiro a fim de gerir recursos que vem de cada indivíduo de forma coletiva.”¹⁰ As casas formam os pontos regionais Fora do Eixo. Esses pontos funcionam como conectores principais de outros coletivos pertencentes à mesma região. Além dos pontos regionais, a rede é composta pelos pontos de articulação, linguagem e de parceiro.

Ponto de articulação é o coletivo que se propõe a ser um articulador do arranjo criativo local, identificando parceiros, público, trocas, artistas, comunicadores e demais agentes envolvidos, a fim de formar, articular e executar ações estratégicas para o cenário cultural. Pontos de linguagem são coletivos que atuam em uma linguagem específica, atuando como articuladores deste recorte no cenário cultural para, deste modo, desenvolver ações específicas locais. Por ser um ponto Fora do Eixo está intimamente conectado à rede. Já os Pontos Parceiros são instituições não-orgânicas à rede Fora do Eixo, ligadas a algum(s) coletivo(s) da rede por meio de parceria, como casas de show, bandas, espaços teatrais, ONGs parceiras, etc.

¹¹

Em seis anos de atuação (os números são de 2012), a rede atingiu: 200 pontos (regionais, de articulação e linguagem), 2.000 agentes culturais, 2.800 parceiros, 20.000 pessoas indiretamente e hoje está presente em 27 estados brasileiros e 15 países da América Latina¹². Além disso, nos últimos tempos, o Fora do Eixo passou a pensar o circuito sobre dois aspectos: o fomento à produção cultural e a articulação do movimento social que busca criar sua própria narrativa¹³.

1.2 Modo de Organização do Fora do Eixo

O modo de organização presente nas casas Fora do Eixo e proposto aos demais coletivos contempla, entre outras frentes, quatro principais núcleos: o Banco Fora do Eixo, o Partido Fora do Eixo, a Mídia e a Universidade Fora do Eixo, bases que formam os simulacros do Circuito.

Os simulacros ou frentes mediadoras tem o papel fundamental de gerar o fluxo entre as Frentes Temáticas e as Frentes Produtoras da rede. São elas que elaboram os mecanismos de sistematização, mapeamentos, pesquisa, concepção, execução, sustentabilidade e dinâmica entre os indivíduos e as

¹⁰ https://docs.google.com/a/foradoeixo.org.br/document/d/15vccaMn9AJIGdOI88yY1mbrke-brre3xZoH7Wo4_154/edit?pli=1

¹¹ Nota retirada do site supracitado.

¹² <http://issuu.com/foradoeixo/docs/fdeemnumeros-final>

¹³ Afirmação feita por Carolina Tokuyo (agente Fora do Eixo) na aula especial sobre o Fora do Eixo, da disciplina Produção Cultural para Área Midiática, MIDICULT, novembro/2012.

possibilitam as trocas de experiências entre grupos musicais e produtores, a fim de promover ações culturais por todo o país), tecnoarte (núcleo de elaboração de tecnologias livres voltadas para a produção cultural), sede social (espaço de produção) e eventos (festivais abertos para a participação de grupos musicais e artistas em geral). Nos círculos pretos estão os quatro núcleos que representam os simulacros e, igualmente, as frentes mediadoras: partido, banco, universidade e mídia, supracitados. Já nos círculos de tom laranja estão as frentes temáticas que englobam os diferentes projetos dos coletivos.

Os núcleos que compõem as frentes mediadoras surgiram, basicamente, de uma ação defendida pelo Circuito Fora do Eixo: o autogoverno. Assim, a valorização da autonomia, da capacidade de produção e da construção colaborativa foi o elemento-chave que propiciou uma espécie de reorganização social capaz de gerir um sistema econômico próprio (Banco Fora do Eixo), um sistema educativo não formal (Universidade Livre Fora do Eixo) e um sistema de comunicação exclusivo (Mídia Fora do Eixo).

No que tange ao termo “simulacro”, Jean Baudrillard defende a ideia que “o simulacro, nunca mais passível de ser trocado por real, [...] troca-se em si mesmo, num circuito ininterrupto, cujas referência e circunferência se encontram em lado nenhum.” (BAUDRILLARD, 1991: pág. 13). A partir dessa afirmativa, é possível relacionar o conceito utilizado por Baudrillard com a prática do Fora do Eixo acerca das trocas de saberes e tecnologias para manter a rede orgânica. De acordo com o Circuito,

Os Simulacros Fora do Eixo (Partido, Universidade, Banco e Mídia) têm como objetivo disputar o modelo de sociedade em que vivemos, apresentando como propostas concretas de reorganização das estruturas econômicas, políticas e sociais. O simulacro não representa um modelo de total semelhança, para que não seja impossível a novidade e a diversidade dentro dele, mas sim “destruir” os modelos e as cópias para instaurar o caos (organizado) que o mesmo cria.¹⁵

A experiência do compartilhamento e da democratização das informações entre os coletivos, bem como o resultado desse processo, possibilitaram aos produtores da rede a criação de um acervo de metodologias voltadas para o planejamento e o desenvolvimento de ações culturais. Esse foi o cenário para a construção da Universidade Fora do Eixo (UniFdE). Favorável ao movimento do livre saber - inspirado nas possibilidades de aprendizado informal que a cibercultura proporciona -, a UniFdE conta com o patrocínio da Petrobrás, por meio da Lei de Incentivo à Cultura, do Ministério da Cultura, do Governo Federal. Dentre as suas

¹⁵ https://docs.google.com/document/d/1a3FFIkLjl0gZ_UW1x-DsBDA2uF4JMfOc1wNdcTuCbtQ/edit?pli=1

ações, a Universidade Fora do Eixo abre espaço aos parceiros e produtores que queiram fazer parte do corpo docente, ou ter uma vivência em um dos campi que são divididos em dois tipos: permanentes e temporários. Os 150 campi permanentes contemplam as casas regionais e sub-regionais, além dos coletivos parceiros, e “realizam ações permanentes de formação em ambientes cognitivos [...] onde se desenvolvem os métodos de aprendizagem.” Já os mais de 300 campi temporários são formados pelos eventos da rede que “funcionam como plataforma de circulação de conhecimento, ampliação de repertório e conexão de pessoas.”¹⁶

A UniFdE, atualmente, também é uma das responsáveis pela realização dos Congressos Fora do Eixo. O I Congresso ocorreu em Cuiabá, no ano de 2008 e atingiu 500 pessoas.¹⁷ O II Congresso foi realizado em Setembro de 2009 e reuniu 800 pessoas na cidade de Rio Branco.¹⁸ Já o III Congresso aconteceu em Uberlândia, no triângulo mineiro, e atingiu cerca de 2000 pessoas em Outubro de 2010.¹⁹ O IV Congresso foi sediado em São Paulo, em dezembro de 2011 e contou com mais de 3000 pessoas.²⁰ Esses são alguns dos principais congressos realizados pelo Circuito, que contribuíram para promover a troca de conhecimentos, ampliar o diálogo entre os produtores culturais e fortalecer a rede.

A realização dos congressos, a abertura dos campi aos agentes, parceiros e demais interessados em conhecer e participar das atividades da Universidade como membros do corpo docente ou discente, e a proposta de democratização e sistematização das metodologias de formação do Circuito (cartilhas, tutoriais, banco de dados, congressos, oficinas, *wikis*, etc.) são a base para o compartilhamento de saberes, mas também para o fomento de debates e o exercício do midialivrismo (formação pela mídia²¹). Pautados por esse conceito – decorrente do uso livre dos meios de comunicação digitais potencializados pela internet – que possibilita a geração de conteúdo e a disseminação de dados pelos usuários dos equipamentos eletrônicos conectados à rede, os coletivos têm a chance de participarem ativamente do processo informacional, utilizando das novas tecnologias e do midialivrismo para discutir temas políticos, sociais e culturais de forma aberta e participativa seja por meio das redes sociais, da rádio Fora do Eixo, da Pós-TV (realização de debates *on-line*), do blog Fora do Eixo e demais projetos do núcleo Mídia Fora do Eixo.

¹⁶ <http://universidade.foradoeixo.org.br/?p=793>

¹⁷ <http://congresso.foradoeixo.org.br/historico/i-congresso/>

¹⁸ <http://congresso.foradoeixo.org.br/historico/ii-congresso/>

¹⁹ <http://congresso.foradoeixo.org.br/historico/iii-congresso/>

²⁰ <http://www.youtube.com/watch?v=f4h6DWjPhCc>

²¹ <http://www.overmundo.com.br/overblog/midiativismoformacao-livre-e-em-fluxo>

Em se tratando de metodologias de formação e debates políticos, o Partido Fora do Eixo se posiciona como “um laboratório de formulações de políticas de redes”²² cujo propósito é “estabelecer metodologias de trabalho próprias, novas e dinâmicas, que reforcem os processos de formação política e a afirmação de novas dinâmicas comportamentais pautados em princípios de colaboração e compartilhamento.”²³ O Partido Fora do Eixo foi inspirado nas ações do Partido da Cultura (PCult), “movimento social com vistas ao favorecimento e maior preocupação com as políticas públicas para a cultura.”²⁴ Assim como o Circuito Fora do Eixo, “o PCult aglutina diversas pessoas, entidades, redes e movimentos de todos os estados do país em torno de temas diversos, sempre na esfera cultural.”²⁵ No que tange ao Partido Fora do Eixo, esse núcleo atua, particularmente, na formalização e consolidação das políticas de gestão do Fora do Eixo e no fortalecimento da rede enquanto “movimento sócio-cultural e circuito cultural de vanguarda junto à opinião pública.”²⁶ Dentre as políticas de gestão do Partido, o Banco Fora do Eixo (Fora do Eixo Card) se faz presente, sobretudo, na articulação das formas de captação de recursos para os projetos das Casas e no gerenciamento da movimentação financeira do Circuito. De acordo com o site oficial do Fora do Eixo Card,

O Banco FdE tem seu programa baseado em três pilares: UniFdE, Fundo e Nós Ambiente. Através dessas três linhas de ação, busca criar um arranjo que integre de forma transversal o fomento de ações de formação, reeducação socioambiental, captação e acesso, visando ampliar o escopo da gestão de recursos em espécie e de moeda social que baseia o sistema econômico Fora do Eixo Card.²⁷

Nessa “tríplice aliança”, a Universidade Fora do Eixo, anteriormente citada, tem o papel de disseminar as tecnologias do Circuito dentro e fora da rede, capacitar agentes culturais e estimular a troca livre de saberes, por meio de ações culturais e educativas realizadas com o suporte do Banco Fora do Eixo. O projeto Nós Ambiente, por sua vez, visa minimizar ou anular os impactos socioambientais e econômicos gerados na realização dos eventos do Circuito, através de programas de educação socioambiental e de redução de custos com foco na sustentabilidade da rede.²⁸ Já o Fundo Fora do Eixo tem o objetivo de

[...] acompanhar e gerir a movimentação financeira do Circuito Fora do Eixo, criando ações para diminuir as diferenças com estratégias de investimento, gerindo o financeiro e o card como um caixa coletivo nacional,

²² <http://partido.foradoeixo.org.br/partido-fora-do-eixo-2/>

²³ Nota retirada do site supracitado.

²⁴ <http://partidodacultura.blogspot.com.br/2010/11/relatorio-geral-do-partido-da-cultura.html>

²⁵ <http://partido.foradoeixo.org.br/partido-fora-do-eixo-2/>

²⁶ Nota retirada do site supracitado.

²⁷ <http://foradoeixo.org.br/card>

²⁸ Nota retirada do site supracitado.

nivelando as diferenças locais. A proposta do Fundo para este combo vem com o intuito de fomentar a circulação e implementação das moedas complementares da rede, bem como auxiliar nos processos de gestão financeira transversal e sistematização da produção através do Compacto.TEC.²⁹

Para atingir essas metas, são cinco as propostas criadas pelo Fundo: Clube de trocas (Moedas FdE Card), Pregão FdE, Compacto.TEC, Conta Comum e Banco de Parceiros.³⁰ O Clube de trocas incentiva a criação e a disseminação do card, ou seja, da própria moeda do coletivo tanto durante, quanto depois dos festivais, a fim de consolidar parcerias com fornecedores em geral. O Pregão busca selecionar, de forma aberta, prestadores de serviço da própria rede e agentes externos para atuarem na produção de festivais organizados pelos coletivos, com o objetivo de fortalecer as conexões entre os pontos Fora do Eixo. A prioridade de seleção, no caso, volta-se para os produtores do Circuito. O compacto.TEC reúne e disponibiliza um banco de tecnologias com todas as informações para o planejamento e a realização de festivais, desde a pré-produção até a prestação de contas dos eventos. Trata-se de uma ferramenta virtual de gestão colaborativa que

[...] quantifica todo o trabalho investido na construção das ações, o que permite a contabilização do valor real dos projetos, através da soma da moeda corrente e da moeda social. A partir dos indicadores gerados é possível extrair diagnósticos de processos de produção, que poderão ser utilizados para avaliação e qualificação do trabalho do núcleo ou coletivo.³¹

Já a Conta Comum funciona como uma linha de crédito que oferece empréstimos em R\$ ou em card (serviços/produtos) para financiar parte de eventos e/ou de atividades dos coletivos. “O CONTA COMUM abrange todas as formas de empréstimo: desde um CNPJ até um computador!”³² Com relação ao empréstimo de CNPJ, o Banco Fora do Eixo mantém uma relação dos cadastros de pessoas jurídicas dos coletivos³³ para ampliar a realização de festivais e eventos por toda a rede. Da mesma forma, o Circuito conta com o Banco de Editais³⁴, um mapeamento dos meios de obtenção de recursos que detalha os concursos, editais e as seleções disponíveis no campo da cultura. Por fim, o Banco de Parceiros organiza os dados dos “agentes, das organizações e empresas que trocaram, investiram, apoiaram de

²⁹ <http://foradoeixo.org.br/card>

³⁰ Nota retirada do site supracitado.

³¹ <http://foradoeixo.org.br/card>

³² Nota retirada do site supracitado.

³³ <https://docs.google.com/spreadsheets/ccc?key=0Amei1HdycUdEdGhmOVAXdm5QdEVjWlo4Y2VPcTIYM1E&hl=en#gid=0>

³⁴ https://docs.google.com/a/foradoeixo.org.br/spreadsheets/ccc?key=0AhECmF56Y8Nmck5PNmx1TExBa3lmSHFCSjZjRU1wTEE&authkey=CPWPTr8G&hl=pt_BR#gid=10

alguma forma as atividades”³⁵ do Circuito, estimulando as relações de parceria entre os coletivos e os setores de diferentes áreas, com vistas a garantir o desenvolvimento das ações da rede reduzindo seus custos em real. Segundo o Fora do Eixo, o Circuito movimentou de 2011 para 2012 o total de 30 moedas complementares e, de 2006 até 2012, mais de 88 milhões em recursos, sendo 15% em reais, ou seja, 13 milhões e 85% em card, o equivalente a cerca de 75 milhões em moedas próprias.³⁶

Em resumo, os quatro dutos que compõem os simulacros do Fora do Eixo (Universidade, Mídia, Partido e Banco) abrigam núcleos de projetos, pesquisa, comunicação, logística, entre outros temas relevantes e necessários à gestão e ao funcionamento de cada um deles, com o objetivo de manter a organicidade e a legitimidade das frentes mediadoras do Circuito.

³⁵ <http://foradoeixo.org.br/card>

³⁶ <http://issuu.com/foradoeixo/docs/fdeemnumeros-final>

Capítulo 2

Fora do Eixo, cibercultura e política

A proporção que o Fora do Eixo alcançou – considerando-se o intervalo de tempo no qual ele foi criado – foi viável graças ao advento da internet, do compartilhamento virtual de dados e tecnologias, das redes sociais e do *live streaming*.³⁷ Esses recursos são próprios da cibercultura – conceito que define:

O conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço. O ciberespaço é o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores. O termo especifica não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ele abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo. (LEVY, 1999: p.17)

Tudo isso, portanto, contribuiu para compor o Fora do Eixo que se posiciona, segundo sua Carta de Princípio, como:

O **Circuito Fora do Eixo** é uma **rede colaborativa** e descentralizada de trabalho constituída por coletivos de cultura espalhados pelo Brasil, pautados nos princípios da economia solidária, do **associativismo** e do **cooperativismo**, da **divulgação**, da **formação** e **intercâmbio** entre redes sociais, do **respeito à diversidade**, à pluralidade e às **identidades culturais**, do **empoderamento** dos sujeitos e alcance da **autonomia** quanto às formas de **gestão** e **participação** em processos sócio-culturais, do estímulo à **autoralidade**, à **criatividade**, à **inovação** e à **renovação**, da **democratização** quanto ao **desenvolvimento**, **uso** e **compartilhamento** de **tecnologias livres** aplicadas às **expressões culturais** e da **sustentabilidade** pautada no uso de **tecnologias sociais**.³⁸

Esta Carta de Princípio defende os valores, as diretrizes e premissas que deverão ser considerados pelos coletivos e colaboradores que queiram integrar a rede do Fora do Eixo, bem como aos que buscam por uma vivência em uma das Casas do Circuito. Sobre o público-alvo da carta, vale mencionar que a maioria dos agentes culturais que formam essa rede possui entre 18 e 25 anos, ou seja, é um retrato da juventude contemporânea brasileira: os autênticos representantes do que se convencionou chamar de geração Y. O que define a geração Y, grosso modo, é a capacidade de articular grupos em rede, priorizar relações interpessoais, ter mobilidade e convergência, assim como as próprias ferramentas de seu

³⁷ Transmissão de conteúdo ao vivo por meio da internet

³⁸ <http://foradoeixo.org.br/institucional/carta-de-principio-do-circuito-fora-do-eixo-2009>

tempo.³⁹ Esta habilidade do jovem contemporâneo de criar conexões, envolver pessoas e organizar ações via web, aliada ao discurso dos agentes culturais do Fora do Eixo sobre a necessidade de atingir novas fontes de financiamento para o campo da cultura tem sido fundamental para o crescimento desse Circuito e, conforme a própria Carta menciona, o empoderamento dos coletivos.

Cada vez mais, o Fora do Eixo tem estreitado laços com grupos da América do Sul e também de Cabo Verde, na África, expandindo suas atividades além mar. O diálogo do Circuito com os coletivos culturais latinos e africanos mostra o potencial do discurso do Fora do Eixo, especialmente o de Pablo Capilé, seu grande articulador. Essa conquista é um dos resultados do poder de atuação do Circuito dentro e fora das redes, algo inegável e também inédito, em se tratando de movimentos culturais no Brasil.

O *marketing* promovido pelo Fora do Eixo é um dos responsáveis por esse efeito, mas não o único. Nota-se que, quando falamos em poder, atingimos outros aspectos. No caso do Fora do Eixo, seu poder de articulação e penetração em diferentes territórios tem despertado o interesse de vários públicos, entre políticos e empresários. Afinal, um Circuito que mobiliza, no mínimo, 2000 pessoas é o alvo perfeito para toda instituição, ou seja, ter o apoio do Fora do Eixo significa atingir diretamente ou indiretamente uma significativa parcela da nossa população.

O Festival *Amor Sim, Russomanno Não*, que ocorreu na Praça Roosevelt, às vésperas da eleição para Prefeitura de São Paulo, em Outubro de 2012, é um exemplo dessa força de atuação do Fora do Eixo e também das relações políticas que o Circuito vem construindo a partir do seu empoderamento. O evento que foi pensado na internet⁴⁰ e exibiu apresentações de artistas contemporâneos atraiu milhares de pessoas que se manifestaram contra a posição do então candidato a prefeito, Celso Russomanno. Na época do Festival, 56.606 pessoas foram convidadas via Facebook. Desse total, 4.918 confirmaram presença.

Criado na rede social por Luis Felipe Marques Ferreira e Dríade Aguiar, ambos integrantes do Fora do Eixo, o evento tinha um caráter apartidário, segundo seus organizadores. Entretanto, o *slogan* do Festival contribuiu para que os militantes do Partido dos Trabalhadores (PT) fizessem uma campanha a favor de Fernando Haddad, distribuindo adesivos do candidato petista. Essa movimentação - que causou certo impacto nos jornais - para alguns formadores de opinião, acabou favorecendo a eleição de Haddad à prefeitura da maior cidade do país e colocou o Fora do Eixo sob a mira de grandes nomes da política

³⁹ <http://revistagalileu.globo.com/Revista/Galileu/0,,EDG87165-7943-219,00-GERACAO+Y.html>

⁴⁰ <http://www.facebook.com/events/396889457045514/>

brasileira. Todavia, é importante mencionar que um dos fatores decisivos para a derrota de Russomanno refere-se à proposta da passagem progressiva⁴¹ defendida pelo candidato, na qual os usuários dos transportes públicos pagariam uma tarifa diferenciada de acordo com a distância percorrida, plano que prejudicava diretamente os moradores das regiões periféricas da cidade.

Duas semanas após o evento que contribuiu para tirar o nome de Russomanno das eleições à prefeitura de São Paulo, o Fora do Eixo voltou a ocupar a Praça Roosevelt com o Festival *Existe Amor em SP*.⁴² Dessa vez, contou com a participação de cerca de oito mil pessoas⁴³ que assistiram aos shows de artistas já consagrados do público, como: Criolo, Emicida, Gaby Amarantos, Karina Buhr, entre outros. Assim como no primeiro Festival, os organizadores defenderam a mesma ideia de apartidarismo político para o evento *Existe Amor em SP*. Nos textos de apresentação dos dois eventos publicados nas redes sociais para atrair os internautas, um discurso em comum afirmava que: “O poder político tenta acabar com o público em prol do privado. Acabar com a festa em prol do silêncio. Acabar com o pobre em prol do rico. Acabar com a justiça em prol da ordem.”⁴⁴ Este pensamento, que valoriza a construção de políticas públicas e os ideais de democratização sociocultural frente à exclusão social e o totalitarismo, é parte da narrativa que o Fora do Eixo emprega à sociedade e pelo qual vem reunindo um grande número de partidários a sua causa, incluindo figurões públicos.

Juca Ferreira, secretário Municipal de Cultura da cidade de São Paulo, nomeado pelo atual prefeito, Fernando Haddad, realizou o evento *Existe diálogo em São Paulo*,⁴⁵ no qual convidou artistas, agentes e articuladores culturais para um encontro com o objetivo de discutir propostas que visam à criação de políticas públicas na área cultural. Coincidência ou não, o título do encontro remete ao *slogan* utilizado no mesmo evento que ocorreu na Praça Roosevelt e que, como já mencionado, contribuiu mesmo que indiretamente para colocar Fernando Haddad na prefeitura de São Paulo. Outro episódio que ganhou destaque na mídia foi a presença de Pablo Capilé no Palácio da Alvorada, em Brasília, na exibição de “*O Palhaço*”⁴⁶ – obra dirigida por Selton Mello e que foi cogitada para ser a candidata nacional à concorrer ao Oscar de melhor filme estrangeiro.

⁴¹ <http://www.senado.gov.br/noticias/senadonamidia/noticia.asp?n=764591&t=1>

⁴² <http://www.facebook.com/events/433169650073617/?ref=3&suggestsessionid=01357462902>

⁴³ <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2012/10/festival-existe-amor-em-sp-reune-multidao-na-praca-roosevelt.html>

⁴⁴ <http://www.facebook.com/events/433169650073617/?ref=3&suggestsessionid=01357462902>

⁴⁵ <http://www.centrocultural.sp.gov.br/existedialogoemsp/>

⁴⁶ <http://revistapiaui.estadao.com.br/blogs/questoes-cinematograficas/geral/o-palhaco-no-alvorada-por-flavia-castro>

A ligação do Fora do Eixo com os representantes da política, além da contemplação de seus projetos nos editais de incentivo à cultura que têm financiado parte das propostas do Circuito, frente ao posicionamento e discurso dos seus gestores, traz à tona importantes questionamentos: é coerente levantar a bandeira da economia solidária e da implantação de tecnologias sociais livres sendo financiado por algumas empresas capitalistas? Ou seria o Circuito Fora do Eixo mais um representante dos novos capitalistas da cultura, no qual uma pequena parcela de um grande número de produtores culturais lucra com as suas atividades em nome da própria cultura?

Capítulo 3

Mercado e Cultura

O relacionamento que o Circuito Fora do Eixo tem estabelecido com as empresas que financiam seus projetos pode ser considerado um retrato do antigo vínculo entre o mercado e a cultura. Este laço não é um fenômeno contemporâneo. Porém, para alguns pensadores, seu efeito ao longo da história tem esvaziado o sentido de cultura, a partir do momento em que ela passa a ser vista como um negócio. Terry Eagleton, em sua obra *Depois da Teoria*, destaca que: “se a cultura começou a ser mais crucial para o capitalismo na década de 1960, tornou-se totalmente indistinguível dele por volta dos anos 90.” (EAGLETON, 2005: p.78).

De acordo com Chauí, “a história da sociedade capitalista é a história da [...] redução de todos (os indivíduos) e de tudo à condição de mercadoria” (CHAUÍ, 2006: pag. 46), à transformação de bens imateriais em bens mercadológicos. Paradoxalmente, esse mercado dos bens simbólicos se ergueu no mesmo período em que as teorias culturais se fortaleciam, por meio dos movimentos da esquerda política. Segundo Eagleton,

As novas ideias culturais tinham suas raízes profundamente fincadas na era dos direitos civis e das rebeliões estudantis [...] época na qual a cultura popular e o culto da juventude surgiram pela primeira vez como forças a serem levadas em conta. (EAGLETON, 2005: p.44)

Se a década de 60 foi o palco dos protestos e ativismos em prol dos movimentos culturais, é também aí que a cultura ganha um caráter utilitário e começa a ser reproduzida em produtos midiáticos e audiovisuais, até se tornar, posteriormente, mais um objeto rentável da indústria capitalista. Uma vez que a cultura é transformada em um bem de consumo, ela tende a obedecer à lógica do mercado, ou seja, alimentar as leis da oferta e da procura, estimular o consumismo e intensificar a prática da concorrência. No cenário contemporâneo, essa realidade se torna ainda mais complexa, já que as possibilidades de “promover a cultura” são globais. Nesse sentido, George Yúdice afirma que: “a cultura simplesmente se tornou um pretexto para a melhoria sociopolítica e para o crescimento econômico [...] e tem operado uma transformação naquilo que entendemos por cultura e o que fazemos em seu nome.” (YÚDICE, 2004: p. 26).

Yúdice vai além e ressalta que a cultura, na contemporaneidade, pode ser considerada como uma “cultura de globalização acelerada”, pois atende aos interesses do sistema capitalista. Aqui, leia-se também, interesses do Governo e das empresas. No primeiro caso, o “apoio” da administração pública para o crescimento das ações culturais estaria ligado a

manter fiel o seu eleitorado e reforçar as relações institucionais com empreendedores e organizações capitalistas. Já no segundo caso, o patrocínio de manifestações artísticas tende a mostrar-se como uma estratégia corporativa que visa garantir um retorno comercial ou publicitário, no momento em que a empresa “imprime” sua marca junto ao projeto sociocultural, conferindo-lhe mais “grandeza” e “maior adesão do público”. Para alguns estudiosos, esta é uma das funções que a cultura contemporânea tem exercido no fortalecimento da nova economia global. Assim, “recorrer à 'economia criativa' evidentemente favorece a classe profissional gerenciadora, mesmo quando ela vende seu produto baseado na retórica da inclusão multicultural.” (YÚDICE, 2004: p. 39).

A economia da cultura, ou economia criativa, tem sido discutida em várias partes do mundo nos campos político, social e econômico.

O conceito de economia criativa origina-se do termo indústrias criativas, por sua vez inspirado no projeto Creative Nation, da Austrália, de 1994. Entre outros elementos, este defendia a importância do trabalho criativo, sua contribuição para a economia do país e o papel das tecnologias como aliadas da política cultural, dando margem à posterior inserção de setores tecnológicos no rol das indústrias criativas. (REIS, 2008: p. 16)

As ações pautadas na economia criativa têm provocado reflexões e questionamentos a respeito da produção cultural que, atualmente, parece atuar em dois papéis distintos e simultâneos: de um lado representa os valores, as atitudes e o pensamento do homem enquanto um ator social, e, de outro, atende as exigências da economia política, gerando novos empresários da cultura.

O novo empresariado cultural desenvolve formas próprias de obter vantagens econômicas sobre a produção cultural independente e colaborativa. [...] é formado por uma constelação de agentes ajustados às novas condições de nosso tempo, empreendimentos que não precisam buscar sua fonte de lucro no direito exclusivo que tenham sobre a venda de um CD, um livro ou uma boa ideia qualquer. Neste novo modelo de indústria cultural, basta que as empresas “colem” a sua imagem ao processo de criação de outros grupos, coletivos, redes e pessoas; misturando, associando, embaralhado a sua marca à riqueza de saberes e símbolos que são produzidos por outros.⁴⁷

Partindo dessa afirmativa, seria o Fora do Eixo um representante do novo empresariado cultural? O site *Passa Palavra*, questionando a postura do Circuito, pôs em xeque o posicionamento de Pablo Capilé ao defender a ideia do Fora do Eixo como uma

⁴⁷ <http://passapalavra.info/2013/02/72682#more-72682>

“disputa narrativa” na qual o “novo ativismo deve trocar trabalho por vida”, empreendendo uma “ressignificação” de valores. Para discutir tal ressignificação, a matéria utilizou como exemplo o *Festival Existe Amor em SP* que, segundo Capilé, custou R\$20 mil ao movimento, ao invés de R\$500 mil – número correspondente ao valor aproximado para a realização de um evento desse porte. Sobre a declaração mencionada, o site contesta:

A multiplicação dos pães neste caso só se torna possível porque existe uma enorme quantidade de trabalho não-pago envolvida. O que Capilé procura compensar elogiando o esforço da “militância”. Ao converter seu trabalho em vida, um grande número de agentes produziu e distribuiu flyers, divulgou na internet, carregou caixas e ofereceu os seus serviços solidariamente, inclusive os grandes músicos que abrilhantaram o espetáculo etc.⁴⁸

Ao expor o (possível) modo de atuação do Fora do Eixo, o *Passa Palavra* ressalta, contudo, que não se trata de exploração de trabalho, mas sim da negociação da capacidade de articulação dos agentes e coletivos que “mantêm o funcionamento e a ampliação da sua estrutura”, enquanto o Circuito (ilustrando os novos empresários da cultura) se mostra como uma “versão repaginada dos velhos exploradores da produção simbólica coletiva”.

O novo empresariado da cultura consegue aproveitar-se dessa riqueza enquanto uma espécie de capital simbólico coletivo, que ao final do processo haverá de ser revertido em ganhos em espécie, ou seja, dinheiro. Mais vantajosa é a relação quando se verifica que o agente intermediador, no caso, o Fora do Eixo, pouco ou quase nada precisa intervir no processo, visto que, em se tratando de trabalho criativo, maior produtividade será obtida quanto maior for a liberdade e a autonomia de seus produtores.⁴⁹

Todavia, é interessante avaliar o uso da palavra liberdade na descrição acima. Afinal, não seria essa mesma liberdade o princípio para aglutinar os jovens que buscam um meio alternativo às diretrizes do sistema? Ou seriam os produtores culturais todos ingênuos a ponto de seguir o discurso de Capilé e dos demais articuladores sem enxergar o resultado direto de seus esforços? Ora, se os jovens são livres para criar, eles também são livres para fazer suas escolhas e levantar suas bandeiras em nome dos seus interesses. A articulação dos produtores culturais não contempla apenas seu valor agregado, mas também uma ideologia. “Os instrumentos que construímos nos dão poderes mas, coletivamente responsáveis, a escolha está em nossas mãos.” (LEVY, 1999: p.17).

Como já foi dito, o Fora do Eixo utiliza editais públicos e privados para realizar suas ações, da mesma forma que recorre às novas mídias para difundir tais atividades, organizar

⁴⁸ <http://passapalavra.info/2013/02/72682#more-72682>

⁴⁹ Nota retirada do site supracitado.

grupos de trabalho, fortalecer e aumentar a rede para o bem do seu público e, igualmente, para o mal de seus críticos. Nesse embate e considerando o atual modelo de incentivo e financiamento à cultura, a problemática estaria no discurso e na prática do Fora do Eixo ou nas políticas adotadas no campo cultural que utilizam, dentre outros meios, a prática do mecenato junto às empresas e corporações?

Capítulo 4

Políticas culturais e Cidadania Cultural

Atualmente, o Ministério da Cultura disponibiliza os seguintes mecanismos de apoio a projetos culturais: a Lei Federal de Incentivo à cultura (Lei nº 8.313/91/ Lei Rouanet), a Lei do Audiovisual (Lei nº 8.685/93), bem como os Editais para projetos específicos, lançados regularmente.⁵⁰ Além disso, temos ainda os mecanismos das esferas governamentais menores, como as leis de incentivo à cultura estaduais e municipais. A maior parte das leis se baseia no modelo de renúncia fiscal, ou seja, um percentual dos impostos das empresas que seria repassado ao Governo é convertido no patrocínio de ações culturais de várias naturezas: música, dança, teatro, cinema, artes cênicas, artes visuais etc. Já os Editais, em sua maioria, premiam diretamente os projetos selecionados com um valor em reais, possibilitando, assim, a elaboração, o desenvolvimento e a difusão das atividades culturais. No primeiro caso, os projetos são inscritos nas leis e, se aprovados, seus proponentes vão captar a verba junto às empresas; o que resulta, naturalmente, na avaliação das propostas pelos seus “patrocinadores”.

Essa mecânica, no entanto, gerou um cenário descontente para muitos grupos culturais, pois as empresas buscam privilegiar os projetos com foco no melhor retorno comercial direto ou indireto que o artista e/ou a obra possam lhes garantir. Tal descontentamento é um dos motivos de várias críticas ao funcionamento da Lei Rouanet, que “colocou” o empresariado no papel de Mecenas. Além disso, outro ponto muito criticado é a centralização dos investimentos na região Sudeste do país, com destaque aos projetos que propõem ações para os Estados de São Paulo e do Rio de Janeiro. Essas insatisfações, dentre outras, contribuíram, inclusive, para as reformas nesse mecanismo de apoio à cultura que vem ocorrendo desde a sua criação, sendo a última delas e a mais significativa, proposta em 2012.

Tomando como base alguns pontos-chave que caracterizam a contrariedade ao funcionamento da Lei Rouanet e relacionando-os com o Fora do Eixo, vale notar a movimentação do Circuito que, desde a sua criação, prima por fortalecer iniciativas para além do conjunto Rio-São Paulo, valorizando a descentralização e a distribuição das tecnologias do saber, conforme mencionado na sua carta de princípio.⁵¹ O agrupamento livre dos coletivos, o mapeamento dos pontos de cultura para articular novos grupos, criar conexões entre os agentes culturais e expandir a rede representam os ideais que norteiam o Circuito Fora do

⁵⁰ <http://www.cultura.gov.br/apoio-a-projetos>

⁵¹ <http://foradoeixo.org.br/institucional/carta-de-principio-do-circuito-fora-do-eixo-2009>

Eixo e que seguem na direção oposta das diretrizes do mercado cultural e das mídias tradicionais que ajudam a promovê-lo.⁵²

Se ainda hoje, parte das ações culturais do Circuito é viabilizada por meio de editais públicos e de verba do setor privado, a questão é saber como essas atividades culturais atingem os diferentes grupos que representam a sociedade brasileira. O Circuito Fora do Eixo, enquanto representante de parcelas da sociedade, utiliza-se dos mecanismos de incentivo à cultura para reconfigurar o sistema, em defesa do “cooperativismo, da renovação, da democratização quanto ao desenvolvimento, uso e compartilhamento de tecnologias livres aplicadas às expressões culturais.”⁵³ A produção e difusão do trabalho de grupos musicais da cena independente, a fundação das casas Fora do Eixo como um espaço cultural aberto ao público, a realização de festivais de filmes e vídeos, assim como os debates promovidos em vias públicas, aproximam o Fora do Eixo dos quatro pilares que determinam a proposta de Cidadania Cultural, defendida por Marilena Chauí:

- uma definição alargada da cultura, que não a identificasse com as belas-artes, mas a apanhasse em meu miolo antropológico de elaboração coletiva e socialmente diferenciada de símbolos, valores, ideias, objetos, práticas e comportamentos pelos quais uma sociedade, internamente dividida e sob a hegemonia de uma classe social, define para si mesma as relações com o espaço, o tempo, a natureza e os humanos;
- uma definição política da cultura pelo prisma democrático e, portanto, como direito de todos os cidadãos, sem privilégios e sem exclusões;
- uma definição conceitual da cultura como trabalho da criação: trabalho da sensibilidade, da imaginação e da inteligência na criação das obras de arte; trabalho de reflexão, da memória e da crítica na criação de obras de pensamento. Trabalho no sentido dialético de negação das condições e dos significados imediatos da experiência por meio de práticas e descobertas de novas significações e da abertura do tempo para o novo, cuja primeira expressão é a obra de arte ou a obra de pensamento enraizadas na mudança do que está dado e cristalizado;
- uma definição dos sujeitos sociais como sujeitos históricos, articulando o trabalho cultural e o trabalho da memória social, particularmente como combate à memória social una, indivisa, linear e contínua, e como afirmação das contradições, das lutas e dos conflitos que constituem a história de uma sociedade. (CHAUÍ, 2006: p.72)

Dialogando com Chauí, “a elaboração coletiva, a abertura do tempo para o novo e a articulação do trabalho cultural” (CHAUÍ, 2006: p.72) são premissas do Fora do Eixo que, se combinadas com as ideias de Pierre Levy sobre a cibercultura, podem traduzir a “hiper-

⁵² Depoimento de Carol Tokuyo durante o Congresso Fora do Eixo Minas, Belo Horizonte, 11/2012.

⁵³ <http://foradoeixo.org.br/institucional/carta-de-principio-do-circuito-fora-do-eixo-2009>

realidade” criada pelo Circuito e alimentada pelas possibilidades de desterritorialização, conexões e trocas que as tecnologias digitais oferecem.

Frente à irresistível inundação humana [...], a solução simbolizada pelas telecomunicações, implica o reconhecimento do outro, a aceitação e ajuda mútuas, a cooperação, a associação, a negociação, para além das diferenças de pontos de vista e de interesses. As telecomunicações são de fato responsáveis por estender de uma ponta à outra do mundo as possibilidades de contato amigável, de transações contratuais de saber, de trocas de conhecimento, de descoberta pacífica das diferenças. (LEVY, 1999: p.14)

Considerações Finais

Economia e cultura, como vimos, mantêm uma estreita relação desde a década de 60: período no qual as manifestações artístico-culturais passam a ser vistas como mercadorias em uma sociedade consolidada pelo capitalismo e, cada vez mais, fortalecida pela prática do consumismo. O resultado dessa relação - tendo a mídia como uma aliada nos processos de aquisição e acumulação de bens - é a disseminação de uma cultura “massificada” que atende aos interesses do mercado.

Avaliando esse cenário na contemporaneidade, as consequências se tornam ainda mais graves, pois a globalização e o advento das novas tecnologias contribuem para multiplicar o efeito mercadológico da cultura. No entanto, em meio ao “caos”, o surgimento da cibercultura também se manifesta positivamente através da criação de grupos, movimentos e comunidades que têm utilizado as novas mídias para reunir pessoas em redes, com o objetivo de discutir e elaborar ações que buscam um novo paradigma socioeconômico. É nesse ambiente que nasce o Circuito Fora do Eixo, no ano de 2006. Atualmente, cerca de 200 coletivos e aproximadamente 2000 pessoas fazem parte dessa rede de redes que, diariamente, vem chamando a atenção da mídia, negociando com empresas, alcançando territórios estrangeiros e ganhando espaço no campo político. Ao utilizar os editais públicos de incentivo e financiamento à cultura, levantar a bandeira do protagonismo e do “*hackeamento*”⁵⁴ do sistema (de *hackear*, utilizar-se de algo aberto e compartilhar seus benefícios), por meio de ações culturais que envolvem o trabalho voluntário de muitas pessoas, alguns críticos do Circuito Fora do Eixo o colocam no mesmo patamar que os velhos exploradores da produção simbólica coletiva.

Analisando os dois lados da questão - um dos objetivos do presente artigo - este embate sugere uma espécie de “conflito de gerações”. De um lado, a opinião analógica, do outro, o posicionamento digital: duas tecnologias que estão presentes em um mesmo sistema e, no qual, a evolução de uma delas está ligada diretamente com a preexistência da outra. Partindo dessa analogia, é interessante perceber a correlação do Fora do Eixo com o capitalismo. Apropriando-se das brechas da economia (analógica) capitalista, o Circuito posiciona-se como uma rede cultural que, ao utilizar-se dos meios de comunicação digital, reage contra o sistema de dentro para fora, uma vez que é parte dele.

⁵⁴ <http://partido.foradoeixo.org.br/glossario/>

Por trás das técnicas agem e reagem ideias, projetos sociais, utopias, interesses econômicos, estratégias de poder, toda a gama dos jogos dos homens em sociedade. Portanto, qualquer atribuição de um sentido único à técnica só pode ser dúbio. A ambivalência ou a multiplicidade das significações e dos projetos que envolvem as técnicas são particularmente evidentes no caso do digital. (LEVY, 1999: p. 24)

Mesmo com as críticas que consideram o Circuito Fora do Eixo mais uma das manobras para fortalecer o cordão dos novos empresários da cultura, é notório o ineditismo do projeto que vem criando um modelo de organização social próprio, atingindo várias cidades das cinco regiões do país e dialogando com as diferentes culturas que retratam a diversidade da nossa sociedade. Se a relação do Circuito Fora do Eixo com a política e o mercado o faz ser visto como um “negociador cultural”, vale destacar que esse processo pode ser considerado parte da mobilidade social que pretende alcançar uma mudança estrutural. Portanto, o circuito Fora do Eixo, assim como a “tecnologia que o inspirou”, é a própria rede que une o produtor cultural, o artista, o público e o sistema.

Referências bibliográficas

BAUDRILLARD, Jean. *Simulacros e simulação*. Lisboa: Editora Relógio d'Água, 1991.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. 2ª ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 1987.

CHAUÍ, Marilena. *Cidadania cultural – o direito à cultura*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2006.

EAGLETON, Terry. *Depois da teoria: um olhar sobre os estudos culturais e o pós-modernismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1999.

REIS, Ana Carla Fonseca. *Economia criativa como estratégia de desenvolvimento: uma visão dos países em desenvolvimento*. São Paulo: Itaú Cultural, 2008.

YÚDICE, George. *A conveniência da cultura – o uso da cultura na era global*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004, p.26.

Circuito Fora do Eixo. I Congresso. Disponível em:
<http://congresso.foradoeixo.org.br/historico/i-congresso/>. Acesso em: 03 de maio. 2013.

Circuito Fora do Eixo. II Congresso. Disponível em:
<http://congresso.foradoeixo.org.br/historico/ii-congresso/>. Acesso em: 03 de maio. 2013.

Circuito Fora do Eixo. III Congresso. Disponível em:
<http://congresso.foradoeixo.org.br/historico/iii-congresso/>. Acesso em: 03 de maio. 2013.

Circuito Fora do Eixo. IV Congresso. Disponível em:
<http://www.youtube.com/watch?v=f4h6DWjPhCc>. Acesso em: 03 de maio. 2013.

Circuito Fora do Eixo. Banco de CNPJ. Disponível em:
<https://docs.google.com/spreadsheets/ccc?key=0Amei1HdycUdEdGhmOVAXdm5QdEVjWlo4Y2VPcTIYM1E&hl=en#gid=0>. Acesso em: 03 de maio. 2013.

Circuito Fora do Eixo. Banco de Editais. Disponível em:
https://docs.google.com/a/foradoeixo.org.br/spreadsheets/ccc?key=0AhECmF56Y8Nmck5PNmx1TExBa3lmSHFCSjZjRU1wTEE&authkey=CPWPtr8G&hl=pt_BR#gid=10. Acesso em: 03 de maio. 2013.

Circuito Fora do Eixo. Banco de Parceiros. Disponível em: <http://foradoeixo.org.br/card>. Acesso em: 03 de maio. 2013.

Circuito Fora do Eixo. Banco Fora do Eixo. Disponível em: <http://foradoeixo.org.br/card>. Acesso em: 03 de maio. 2013.

Circuito Fora do Eixo. Caixa Coletivo. Disponível em: https://docs.google.com/a/foradoeixo.org.br/document/d/15vccaMn9AJIGdOI88yY1mbrke-brre3xZoH7Wo4_154/edit?pli=1. Acesso em: 03 de maio. 2013.

Circuito Fora do Eixo. Carta de Princípio do Circuito Fora do Eixo. Disponível em: <http://foradoeixo.org.br/institucional/carta-de-principio-do-circuito-fora-do-eixo-2009>. Acesso em: 06 de abril. 2013.

Circuito Fora do Eixo. Clube de trocas (Moedas Fora de Eixo). Disponível em: <http://foradoeixo.org.br/card>. Acesso em: 03 de maio. 2013.

Circuito Fora do Eixo. Compacto.TEC. Disponível em: <http://foradoeixo.org.br/card>. Acesso em: 03 de maio. 2013.

Circuito Fora do Eixo. Conta Comum. Disponível em: <http://foradoeixo.org.br/card>. Acesso em: 03 de maio. 2013.

Circuito Fora do Eixo. Números do Fora do Eixo. Disponível em: <http://issuu.com/foradoeixo/docs/fdeemnumeros-final>. Acesso em: 03 de maio. 2013.

Circuito Fora do Eixo. Partido da Cultura. Disponível em: <http://partidodacultura.blogspot.com.br/2010/11/relatorio-geral-do-partido-da-cultura.html>. Acesso em: 30 de abril. 2013.

Circuito Fora do Eixo. Partido Fora do Eixo. Disponível em: <http://partido.foradoeixo.org.br/partido-fora-do-eixo-2/> Acesso em: 30 de abril. 2013.

Circuito Fora do Eixo. Pontos de Articulação, linguagem e parceiro Fora do Eixo. Disponível em: https://docs.google.com/a/foradoeixo.org.br/document/d/15vccaMn9AJIGdOI88yY1mbrke-brre3xZoH7Wo4_154/edit?pli=1. Acesso em: 02 de maio. 2013.

Circuito Fora do Eixo. Pregão. Disponível em: <http://foradoeixo.org.br/card>. Acesso em: 03 de maio. 2013.

Circuito Fora do Eixo. Projetos Fora do Eixo. Disponível em: <http://projetos.foradoeixo.org.br/?cat=3>. Acesso em: 30 de abril.

Circuito Fora do Eixo. Simulacros. Disponível em: https://docs.google.com/a/foradoeixo.org.br/document/d/15vccaMn9AJIGdOI88yY1mbrke-brre3xZoH7Wo4_154/edit?pli=1. Acesso em: 02 de maio. 2103.

Circuito Fora do Eixo. Simulacros. Disponível em: https://docs.google.com/document/d/1a3FFIkLj10gZ_UW1x-DsBDA2uF4JMfOc1wNdcTuCbtQ/edit?pli=1. Acesso em: 02 de maio. 2013.

Circuito Fora do Eixo. Universidade Fora do Eixo. Disponível em: <http://universidade.foradoeixo.org.br/?p=788>. Acesso em: 30 de abril. 2013.

Espaço Cubo. Cubo Card. Disponível em: <http://www.espacocubo.org.br/cubocard/>. Acesso em: 06 de abril. 2013.

Evento Existe Diálogo em São Paulo. Disponível em:
<http://www.facebook.com/events/433169650073617/?ref=3&suggestsessionid=01357462902>.
 Acesso em: 07 de abril. 2013.

Evento Existe Diálogo em São Paulo. Disponível em:
<http://www.centrocultural.sp.gov.br/existedialogoemsp/>. Acesso em: 07 de abril. 2013.

Exibição do filme O Palhaço. Disponível em:
<http://revistapiaui.estadao.com.br/blogs/questoes-cinematograficas/geral/o-palhaco-no-alvorada-por-flavia-castro>. Acesso em: 07 de abril. 2013.

Festival Amor Sim, Russomano, Não. Disponível em:
<http://www.facebook.com/events/396889457045514/>. Acesso em: 07 de abril. 2013.

Festival Existe Amor em SP. Disponível em: <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2012/10/festival-existe-amor-em-sp-reune-multidao-na-praca-roosevelt.html>.
 Acesso em: 07 de abril. 2013.

Festival Existe Amor em SP. Disponível em:
<http://www.facebook.com/events/433169650073617/?ref=3&suggestsessionid=01357462902>.
 Acesso em: 07 de abril. 2013.

Geração Y. Disponível em: <http://revistagalileu.globo.com/Revista/Galileu/0,,EDG87165-7943-219,00-GERACAO+Y.html>. Acesso em: 03 de maio. 2013.

Midialivrisimo. Disponível em:
<http://www.overmundo.com.br/overblog/midiativismoformacao-livre-e-em-fluxo>. Acesso em:
 02 de maio. 2013.

Ministério da Cultura. Apoio a projetos. Disponível em: <http://www.cultura.gov.br/apoio-a-projetos>. Acesso em: 13 de abril. 2013.

Ministério da Cultura. Pontos de Cultura. Disponível em:
<http://www2.cultura.gov.br/culturaviva/pontos-de-cultura>. Acesso em: 06 de abril. 2013.

Passagem progressiva. Disponível em:
<http://www.senado.gov.br/noticias/senadonamidia/noticia.asp?n=764591&t=1>. Acesso em: 02
 de maio. 2013.

Passa Palavra. Existe consenso em SP? Reflexões sobre a questão da cultura (1ª parte): A cultura no centro da luta de classes em São Paulo. Disponível em:
<http://passapalavra.info/2013/02/72682#more-72682>. Acesso em: 19 de março. 2013.

Passa Palavra. A esquerda fora do eixo. Disponível em:
<http://passapalavra.info/2011/06/41221>. Acesso em: 22 de abril. 2013.